



As janelas da intimidade da Lapa: projeto experimental de fotografia¹

Carolina SPORK²

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Este trabalho pretende promover uma análise crítica acerca de representação social das janelas do bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, tendo como objeto analítico 10 fotografias analógicas, no contexto do espaço urbano proposto. Como Roland Barthes, desvenda narrativamente em *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*, (1984) sua relação com a fotografia, sem a necessidade de revelá-la. Pretendo com esse estudo expor minha relação íntima com cada foto e instigar a imaginação e sensações através de recursos descritivos. As fotografias serão apresentadas somente no âmbito presencial de defesa deste estudo.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia, comunicação visual, cultura urbana, intimidade, cotidiano.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte da pesquisa em desenvolvimento para projeto experimental de fotografia da graduação em Estudos de Mídia, pela Universidade Federal Fluminense. Apresentam-se aqui apontamentos iniciais, que serão aprofundados no decorrer da pesquisa. Em linhas gerais, o projeto experimental se concretiza no trabalho de campo de fotografar o espaço urbano proposto, que resultará num ensaio fotográfico, do qual serão selecionadas 10 fotografias para análise. A parte teórica dará conta na ordem discursiva de relacionar as impressões únicas captadas pela lente da câmera ao

¹ Trabalho apresentado na Divisão de Audiovisual, da Intercom Júnior – VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 7º semestre de Graduação em Estudos de Mídia do Instituto de Artes e Comunicação Social-UFF, email: carolspork@gmail.com



universo proposto e sua relação conceitual com a mídia, intimidade, cultura urbana, cotidiano e comunicação visual.

O objeto de análise proposto neste trabalho serão 10 fotografias analógicas capturadas na região geográfica do bairro da Lapa, no Rio de Janeiro. Vale ressaltar que o cenário escolhido é a Lapa prestes a sua reurbanização pelo projeto Lapa Legal – Obras de urbanização pela prefeitura do Rio.

Considerando as janelas como limite entre os espaços público e doméstico, pela perspectiva do observador/fotógrafo que se encontra na rua, a intimidade pode ir revelando-se através do cotidiano espontâneo dos grandes centros urbanos. Além da necessidade de circulação de ar, ventilação e insolação dos ambientes internos, a janela é a abertura ou a fresta entre o interior e exterior das estruturas de concreto das residências da urbe. É o símbolo da receptividade, da abertura para as influências vindas de fora, e também da entrada dos olhares alheios.

Disto isto, a análise de cada foto buscará retratar cenas construídas a partir dos registros de imagens cotidianas. Este estudo também irá propor a significação do universo público, privado e doméstico, o estudo e subjetivação das imagens, a fotografia como gênero de discurso, suscitando discussões a partir dos conceitos embasados pela bibliografia proposta.

A escolha do campo.

“Samba-Canal 100
No meio de 60
E nos 70
Era o Largo da Ordem
Tudo vinha
Desaguar na Lapa
Lapa, minha inspiração
Lapa, Guinga e Pedro Sá
Lição



Quem projetaria
Essa elegância solta
Essa alegria
Essa moça-vanguarda
Esse rapaz gostoso
Que é a Lapa
Lapa, Circo Voador
Lapa, choro
E rock'n'roll
Perdão
Cool e popular
Cool e popular
Cool e popular
A Lapa
Quem ia imaginar
Quem ia imaginar
Quem ia imaginar
Só eu
Eu sozinho
Só e solitário
Sob a chuva da Bahia
Pobre e requintado
E rico e requintado
E refinado
E ainda há conflito
Pelourinho vezes Rio
É Lapa
Lapa
Veio a salvação
Lapa
Falta o mundo ver
Assim
Água de Kassin
Lava a Nova Capela



Eu amo a PUC
E a gíria dos bandidos
Fundição Progresso
Eis a Lapa
Lapa
Lula e FH
Lapa
Amo nosso tempo
Em ti
Lapa”

Caetano Veloso - Lapa

Descrição do objeto de análise.

O objeto que pretendo analisar neste estudo são as janelas dos grandes centros urbanos e como estas revelam o cotidiano espontâneo dos meios. A janela como mídia de exibição da intimidade espontânea. No caso específico, as janelas do bairro da Lapa, no Rio de Janeiro.

As janelas como as mídias que as pessoas utilizam, desde a modernidade, para serem vistas e para verem o movimento do espaço público, tanto acessível para seu círculo íntimo social, igualmente, para se relacionarem com outros sujeitos através da comunicação visual e oral, numa interação que pode ultrapassar todas as barreiras temporais e geográficas.

Propõe-se para esta pesquisa de antropologia visual e processos comunicativos o objeto analítico composto por 10 fotografias expostas para análise crítica sobre a representação social mediada pela imagem fotográfica no contexto do espaço urbano.



Assim, o primeiro objetivo deste estudo e ensaio fotográfico é registrar um tipo de cultura urbana que possui história mutável e que se modifica sem deixar vestígios, que aqui será tratada como comunicação espontânea.

A medida do andamento crítico proposto ao objeto, não é o objetivo principal deste estudo as especificidades técnicas ou específicas da narrativas da fotografia, mas no caso, se pretende abordar o principal enigma que reside no cerno da exposição espontânea da intimidade doméstica.

Tais revelações são parte do todo urbano, que de certa forma, revelam-se em signos indiciários aos modelos de subjetividade e sociabilidade contemporânea.

O que existe de mais intrigante no objeto em questão são os signos visuais que revelam singularidades do cotidiano urbano. Além de ser um ensaio que registra cenas expostas aos olhares indiscretos, que raramente são percebidas, vistas ou revistas, no ir e vir cotidiano.

As diferenças temporais entre o modo de vida na cidade, modificam também os materiais íntimos, bem como são peculiares as interações que eles propiciam e pressupõe em seus respectivos contextos históricos.

Assume-se, portanto neste estudo, um olhar antropológico sobre o objeto escolhido, tecendo uma perspectiva direta com o cenário escolhido, a Lapa.

Há, sem dúvidas, outras possibilidades de registros íntimos no espaço doméstico, que não cabe a aprofundar neste estudo.

Janelas da intimidade da Lapa.

Com base nos estudos de intimidade com que Paula Sibília defende em seu livro *O Show do Eu*, embora alguns hábitos "pareçam sobreviver ao logo de períodos históricos diversos, ganhando certo ar de eternidade, convém desconfiar dessas permanências: muitas vezes as práticas culturais persistem, mas seus sentidos mudam" (SIBILIA, 2008. p.14-15 descobrir página).



Dentro do conjunto de argumentos diversos que serão apontados durante o estudo, as fotografias do cotidiano urbano, se apresentam como um registro único de análise particular, rica de simbolismos culturais e elementos semiológicos, datadas pelo ano de 2011, no bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro.

Este estudo se propõe a apontar a principal ideia de que os registros cotidianos de intimidade do objeto analisado são diferentes dos registros fotográficos em outro período histórico, e além, será diferente também dos próximos registros. Suas especificidades são suscetíveis a mudanças até se for fotografada a mesma janela, a cena composta possivelmente estará diferente.

Fazendo uma analogia ao estudo proposto por Lígia Diogo em sua tese Vídeos de família: entre baús do passado e as telas do presente, as fotografias da intimidade espontânea da Lapa, também assumem que "São produções datadas. Esse grupo específico de registros, assim como os indivíduos que os produzem, as famílias plasmadas nos diversos suportes tecnológicos e os lares que elas habitam, são tanto frutos como produtores de uma determinada realidade histórica. Eles contribuem para criar e, ao mesmo tempo, são moldados pela formação social em que estão imersos, pelo contexto cultural, pela dinâmica política e pela realidade econômica em que vivem. Tudo isso vem se constituindo ao longo dos anos e muda constantemente." (DIOGO, 2010.pg.16).

A escolha do registro fotográfico:

“Ver, ver, ver - algo que necessariamente esteve ali (um dia, em um lugar), que está tanto mais presente imaginariamente quanto se sabe que atualmente desapareceu de fato - e jamais poderá tocar, pegar, abraçar, manipular essa própria coisa, definitivamente desvanecida, substituída para sempre por algo metonímico, um simples traço de papel que faz as vezes de única lembrança palpável.” (DUBOIS, 1993, p. 31)

Algumas particularidades técnicas da fotografia são referenciais sobre a história das comunicações, assim ao recorrer a fotografia busco reproduzir objetivamente o mais próximo a realidade, ou o mais próximo da imagem simbólica que ela representa. Ainda



mais, pela escolha do ensaio com uma câmera analógica, a captura será precisa, sendo cada foto o recorte único da cena real.

A vida na cidade, desde a modernidade, é marcada pela aceleração dos ritmos vitais, pelo desenvolvimento de novas formas de atenção relacionadas aos muitos estímulos da urbe e, também, por uma certa hostilidade com relação ao espaço público: um medo do estranho e dos perigos da vida urbana. Por isso outra relação que destaco do papel da janela no cenário urbano é uma separação muito nítida entre os espaços públicos e o âmbito privado.

Outro determinante fator pela escolha da fotografia foi por “possibilitar referir-se a uma cena ou objeto mesmo que o objeto esteja ausente ou estando separada dele em espaço e tempo” (GUNNING, 2001.p. 38 e 39).

Em (DUBOIS, 1993, p311) o valor de culto da imagem "encontra como se realizar no dispositivo fotográfico bem mais plenamente do que na maioria das outras formas de imagem".

Em *O ato fotográfico*, Dubois exprime como o fato de olhar a imagem fotográfica é um ato carregado de conflitos e emoções. Isso se deve à capacidade da fotografia expor uma tensão constante, de distância e de aproximação física e sensorial, entre o real, o físico e o vivo.

Em relação a fotografia, pode se dizer que é uma representação temporal, e é a História que nos separa dela. “A história não é simplesmente esse tempo em que não éramos nascidos? Eu lia minha inexistência nas roupas que minha mãe tinha usado antes que pudesse me lembrar dela.” Acredito, seguindo o pensamento de Roland Barthes, como sendo uma representação técnica e fiel de nossa inexistência, momentos que não podemos controlar no tempo real, o do agora, e que mesmo resgatando memórias, ou retratando um tempo que não vivemos, ou cenas muito além do raio do nosso olhar, se materializam em nossa visão e nos estimulam percepções que são absorvidas para nossa existência como indivíduos.

Vale analisar também a mudança de comportamento, onde não é mais necessário um especialista pra fotografar, a não ser ainda em algumas ocasiões especiais que os contratamos para ficarem responsáveis pelo registro, mas qualquer um que detenha o

aparelho em mãos, cada vez mais moderno e automático, pode ser fotógrafo ao capturar as imagens que quiser e da forma que quiser.

Nessa “ânsia de exibição” contemporânea, a materialidade das fotos perdeu um lugar de importância, para sua virtualidade. Os álbuns passaram a ser online, muitas vezes as fotos nem chegam a ser reveladas, podendo ser facilmente editadas e apagadas.

Paula Sibilia analisa alguns efeitos da pós-modernidade por um deslocamento dos eixos em torno dos quais cada sujeito edifica o que é. Um deslizamento de “dentro de si (introdirigido) para fora, ou melhor, para tudo aquilo que os outros podem enxergar (alterdirigido)”.

Os espaços domésticos, tomaram forma em meados do século XVI, ecoando nos modelos burgueses de XVII e XIX nas sociedades industriais modernas e no modo de vida urbano, entendidos como “âmbito privado”, “um recinto próprio, separado do mundo público e da intromissão de outrem por sólidos muros e portas fechadas”, “ambientes nos quais era possível se retirar da visão do público”, um modo de ser marcadamente *introdirigido*.

“O modo de vida e os valores privilegiados pelo capitalismo [...] propiciam as habilidades de autopromoção em cada indivíduo e suscitam um verdadeiro “mercado de personalidades”, no qual a imagem pessoal é o principal valor de troca.” “A descrição não constitui um dos valores mais prezados, nas vitrines virtuais do ciberespaço, a possibilidade de passar despercebido pode ser um pesadelo”.

Os relatos do dia-a-dia, fotos e vídeos de tom intimista e cotidiano, onde o protagonista é sempre o “eu” faz sentido no império das subjetividades *alterdirigidas*, onde tudo que se é deve ser visto para realmente ser, e cada um é aquilo que mostra de si.

As instituições familiares e o espaço doméstico são definidas por algumas funções específicas e esses registros, seja em espécie que for, significam guardar momentos, memória individual e coletiva, tendo um valor de culto e de exposição muito grandes. Com o aperfeiçoamento da tecnologia, acesso a equipamentos mais baratos e novos meios comunicacionais A internet pode ser entendida também por “versão cibernética dessas escritas de si” e na vertigem do tempo real, num contexto pós-contemporâneo e de internet 2.0, podemos produzir e assistir cinema em casa.



Alguns questionamentos que consigo trazer pelos textos e toda a discussão em sala de aula, e que ainda levo comigo, são do que caracteriza um material pra ser considerado “de família”? Qual a intenção ao divulgar intimidades na rede virtual e por que consumi-las?

Considerações finais.

A janela é a mediadora entre o público e o privado, por isso, não se pode negar que ela é indiscreta. A fotografia é um marco para que o registro íntimo se estabeleça como prática social. As fotos são capazes de registrar e adentrar com naturalidade às casas e à vida cotidiana, algumas fotos mostram como a câmera pode flagrar momentos e cenas que os próprios personagens não estão cientes disso, com tanto grau de intimidade, que perpetuam o momento flagrado pela lente da câmera.

A fotografia contém muito mais do que aquilo que o caráter técnico pretende revelar, embasada em Barthes, e nos conforta com a possibilidade de eternizar um momento, nos tempos onde esquecer é um grande problema no profundo “manancial de novidades” que vivemos.

Um fator importante a ser destacado é que o valor dessas fotografias não é pra ser reconhecido pelos íntimos ao cenário, e sim, para os íntimos desconhecidos.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano – Artes do fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. 3ª Edição.



DIOGO, Lígia Azevedo. *Vídeos de família: entre baús do passado e as telas do presente*. Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado em comunicação - Universidade Federal Fluminense, Instituto de arte e comunicação social, 2010.

GINZBURG, Carlo. *Sinais, raízes de um paradigma indiciário*. In Mitos Emblemas e Sinais. SP, Cia das Letras, 2007.

SIBÍLIA, Paula. *Viver em casas de vidro*. Revista Trópico Online. Publicado em 14/01/2008.

SIBILIA, Paula. *Clique aqui para apagar más lembranças: A digitalização do “sujeito cerebral” em busca de felicidade*. In: NEUTZLING, Inácio; ANDRADE, Paulo Fernando (Orgs.). *Uma sociedade pós-humana – possibilidades e limites das nanotecnologias*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009.

Composições musicais:

Lapa – Caetano Veloso <http://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/lapa.html>

Janela indiscreta – Lulu Santos <http://www.vagalume.com.br/lulu-santos/janela-indiscreta.html>

L-A-P-A – Planet Hemp <http://www.vagalume.com.br/planet-hemp/l-a-p-a.html>

Filmes:

Janela Indiscreta, 1954. Alfred Hitchcock. <http://youtu.be/6kCcZCMYw38>

L.A.P.A., 2008. Cavi Borges. <http://www.youtube.com/watch?v=C3zTQqq1vBU>

Madame Satã, 2002. Karim Ainouz. <http://www.youtube.com/watch?v=U2oqh0DqCas>

Twitter:

@lapalegal <http://twitter.com/#!/lapalegal>

